

Interações e experiências religiosas dos jovens moradores de favelas de Campos dos Goytacazes/RJ.

Autora: Naiana de Freitas Bertoli¹

Co- Autora: Natalia dos Santos Silveira²

Resumo

O presente trabalho busca compreender o comportamento e a interação dos jovens e suas experiências religiosas a partir da participação em atividades desenvolvidas por igrejas nas favelas de Campos dos Goytacazes. Trata-se de analisar as vivências, o processo de adesão a segmentos religiosos e suas orientações às práticas e vivências cotidianas. A partir de uma base de dados etnográfica focalizamos os jovens moradores de três favelas. A compreensão do modo de vida destes locais e a interação dos jovens nas igrejas possibilitam entender que a adesão à igreja é importante na sociabilidade juvenil em suas experiências cotidianas vividas nas favelas e em outros espaços da cidade.

PALAVRAS-CHAVE

Religião. Favela. Juventude.

Introdução

A seguinte pesquisa desenvolvida iniciou em 2007, como parte das atividades de iniciação científica. O estudo visa compreender o comportamento e a interação dos jovens e suas experiências religiosas a partir da participação em atividades desenvolvidas por igrejas pentecostais nas favelas de Campos dos Goytacazes. Consideramos como base dos estudos três favelas (Baleeira, Matadouro e Tira Gosto). O motivo da escolha dessas favelas está associado em particular as suas características no contexto urbano. No primeiro momento da delimitação

¹ Mestranda em PPGSP/UENF – Naianabertoli@yahoo.com.br

² Bacharel em Ciências Sociais/UENF - natsil21@hotmail.com

do campo da pesquisa consideramos o universo de favelas de Campos dos Goytacazes¹. Verificou-se que, em 1980, havia 13 favelas no município de Campos dos Goytacazes, passando para 21 três anos depois. O Censo do IBGE de 1991 identificou um aumento para 32 favelas, que abrigavam uma população de 18.454 habitantes. O mesmo total de favelas se repetiu no censo de 1996, com um ligeiro aumento da população para 20.977 habitantes; recentemente, o censo do ano 2000 registrou uma queda da população para 16.876. Cabe destacar que favela Baleeira, diferentemente da Tira Gosto e da Matadouro, está localizada no bairro do Caju, considerado por segmentos sociais como de classe média baixa. As outras duas favelas mencionadas estão localizadas no bairro do Horto, próximas às ruínas do antigo matadouro da cidade e às margens do Paraíba do Sul. Estudos indicam que os processos de surgimento e expansão destas favelas são associados às dinâmicas da expansão do centro urbano em decorrência do êxodo rural, que teve como uma das causas a crise da agroindústria açucareira com o fechamento de significativas usinas a partir dos anos 1960 e 1970 (Cruz, 1986).

Outro dado a ser considerado na definição dos contextos pesquisados foram os contatos estabelecidos com moradores em outras situações de pesquisas realizadas junto as essas favelas. Apesar dos contatos anteriores não tínhamos em consideração alguns jovens previstos. Ao trabalhar a categoria jovem e problematizar a categoria juventude fomos pautados pelo entendimento empírico do termo, uma vez que a idade poderia não ser considerada o fator principal de diferenciação deste segmento. Nas incursões do campo, pudemos notar que a aquisição de responsabilidades que são adquiridas com o casamento, com um emprego ou com o nascimento dos filhos, acabam classificando os jovens como adultos. O casamento passa a ser um fator determinante nessa caracterização; já que, por exemplo, ao se casar, a mulher passa a assumir o papel de esposa e mãe, e com isso assumindo as responsabilidades de adultos, mesmo que seja uma mulher de 19 anos. Também é relevante destacar que, dentro das igrejas, há diversos grupos, separados categoricamente: há grupo de jovens, de crianças, de adolescentes, o da família, entre outros. O jovem casado já não se encaixa nos grupos de jovens, e sim no de casal. Outro exemplo bem importante são os líderes religiosos que foram entrevistados pelo grupo de pesquisa. Alguns destes têm entre 20 e 26 anos, mas não se encaixariam aqui na categoria de jovens, já que exercem cargos de responsabilidade, muitas das vezes sobre os jovens da igreja.

Primeiramente iniciamos as idas a campo na favela da Baleeira. Nestas ocasiões ao invés da tradicional “observação participante”, optou-se por outros instrumentos: “a caminhada,

a observação, a grade classificatória” (Magnani, 2008a). Neste sentido, foi fundamental a elaboração de um diário de campo, além das entrevistas semi-estruturadas, conversas e observações de atividades nas igrejas e circulação na favela, onde acompanhamos atividade de evangelização. Neste contexto, o diário de campo buscou, na linha dos relatos de viagem, “o particular contexto em que os dados foram obtidos”, permitindo captar uma informação para além dos documentos, entrevistas, dados censitários; a descrição de rituais, obtidos por meio do gravador, da máquina fotográfica, da filmadora, das transcrições (Magnani, 2008b).

Nas primeiras idas a campo, no caso realizadas na favela Baleeira, tivemos o apoio da então mestrandia Suellen Souza, ela esteve presente com o intuito de mapear algumas características destes territórios. Contudo, antes de iniciar o trabalho de campo nas demais favelas, Tira Gosto e Matadouro, consideramos algumas informações obtidas em outras ocasiões de pesquisa. Particularmente, a presença de facções de traficantes de drogas nestes territórios. Neste sentido tivemos que estabelecer estratégias de entrada nestes territórios sem que isto comprometesse o desenvolvimento da pesquisa. Em todas as ocasiões nos apresentamos aos responsáveis pelas igrejas e moradores como pesquisadores da UENF. Em nenhuma ocasião fomos interpelados por pessoas em relação a nossa circulação nas favelas. Entretanto cuidamos para evitar a exposição dos moradores nas situações de entrevistas e conversas em locais fora das igrejas. . As entrevistas foram realizadas e gravadas nas igrejas e/ou nas casas dos fieis. Simultaneamente as transcrições de algumas entrevistas, demos continuidade as observações e obtenção de informações junto a outros entrevistados.

1 – Pentecostalismo e adesão religiosa

O cenário religioso contemporâneo é marcado por transformações revivalistas dentro e fora das igrejas consideradas mais tradicionais (Hervieu-Léger, 2008). O que permite que haja uma ampla discussão em torno da teoria da modernidade secular, já que são fecundas e instigantes as indagações feitas sobre a desconstrução dos sistemas tradicionais de crenças e a singular mobilidade religiosa contemporânea. De acordo com Peter Berger (2001) a religião é uma empresa humana pela qual se estabelece um cosmo sagrado. Entende-se aqui por *sagrado* uma qualidade de poder misterioso e temível, diferente do homem, mas relacionada com ele, que – segundo se crê – reside em certos objetos da experiência (Berger, 2001). Max Weber (2004) nos orienta na compreensão do sentido do religiosos a partir do seu enfoque dado as vivências e representações subjetivas dos indivíduos em suas condutas.

Na década de 70, a teoria da secularização apontava para o enfraquecimento social e cultural da religião através do desenvolvimento da modernidade o que tornaria o mundo a - religioso, principalmente por serem substituídos pela crescente racionalidade, “supostamente governada pela razão científica e técnica, era, também ela, uma nuvem de crenças” (Hervieu-Léger, 2008: 17). Porém, o que ocorreu foi o contrário: vivemos numa era de religiosidade em expansão. Peter Berger (2001) ressaltou que a Era Moderna se caracteriza por ser uma época pluralista, e conseqüentemente com um pluralismo religioso. Ao depararmos com a existência de diversas religiões nas sociedades ocidentais, podemos considerá-la como uma sociedade intensamente secularizada.

Diante deste cenário os indivíduos indicam para uma insatisfação o que os levam na direção de um emocionalismo e pietismo como refúgio para as suas dúvidas e conflitos sociais. O indivíduo é autônomo para criar seu próprio sistema de crença, assim, as identidades religiosas vão surgindo de acordo com as necessidades individuais. O mundo religioso se torna dinâmico e em constante transformação, o crente é móvel e autônomo (Mariz e Machado, 1998). Segundo as autoras, esta nova perspectiva permite que as pessoas assumam os elementos das religiões que satisfaçam os seus próprios anseios, sem se preocuparem em misturar fragmentos religiosos de outras fontes religiosas. Contudo esse cenário também é marcado por uma recomposição, ou reutilização, de elementos religiosos tradicionais. Resumidamente a secularização não é a perda da religião do mundo, e sim sua reconfiguração, os sistemas de fé são reconstruídos. A religiosidade é marcada pela liberdade, individualidade, pelo misticismo e pela intensidade emocional, não mais controlada por instituições, ela é móvel e moldável, os indivíduos passam a exercer seu poder de escolha, trazendo para si as práticas religiosas que melhor lhe servir. As novas formas religiosas podem ser emprestadas das grandes religiões e misturadas. Segundo Hervieu-Léger (2008) essa organização tem uma liberdade em relação à identidade religiosa capaz de produzir o próprio tipo de crença que é chamada de “bricolagem”. O indivíduo passa a crer, mas sem pertencer a uma instituição ou a uma Igreja. No mesmo sentido Montero (1994), afirma que o processo de modernização é muitas vezes vinculado à secularização da sociedade, que se refere ao declínio da fé e das práticas religiosas.

Diante dessa paisagem religiosa contemporânea, é importante destacar um dos movimentos religiosos mais destacados no mundo, o pentecostalismoⁱⁱ. As igrejas pentecostais podem ser compreendidas a partir de uma tipologia que as compreende a partir de ondas de

acordo com o seu surgimento (Freston, 1994). No caso brasileiro a primeira onda é representada pelas duas igrejas antigas a Assembléia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil. A segunda ocorre nos anos 40 e 50, o pentecostalismo se encontra mais urbano. Em 70, a terceira onda, o neopentecostalismo, é marcada pela Igreja Universal do Reino de Deus.

Esse fenômeno em apenas poucas décadas conseguiu uma enorme quantidade de adeptos na sociedade brasileiraⁱⁱⁱ. Além de provocar mudanças no cenário religioso, afetando diretamente os padrões característicos das religiões protestantes tradicionais. Das características marcantes das igrejas pentecostais pode-se identificar o *batismo no Espírito Santo* e a *glossolalia* nome empregado para o fenômeno de falar em línguas estranhas, sendo um ato de falar com Deus, mas numa linguagem Divina. Esse movimento passa a ser chamado *pentecostal* porque o ponto central da religião é o batismo no Espírito recebido como num dia de Pentecoste. Esse ato é descrito em Atos dos Apóstolos (2, 1-12; 10, 44-48; 19, 17). Ainda nos primeiros anos do movimento pentecostal norte-americano, duas igrejas foram trazidas para o Brasil: a Congregação Cristã no Brasil (1910) e a Assembléia de Deus (1911). Essas igrejas dominaram o campo pentecostal durante quarenta anos. Essas igrejas em especial a Assembléia de Deus dinamizou o Movimento Pentecostal para um status de crescimento nunca antes alcançado principalmente por atender veementemente os pontos de concentração da mensagem pentecostal. O que também diferencia o pentecostalismo de outras religiões é a sua estrutura flexível. Sua característica de se reinventar e assumir formas únicas. Freston (1994) afirma que o crente pode organizar uma igreja em qualquer lugar, por não depender de um clero formal. Sendo este um dos mecanismos de maior eficácia a sua rápida expansão.

Enquanto o protestantismo histórico concentrou-se no evangelismo das classes urbanizadas o pentecostalismo adotou logo de início uma evangelização diretamente voltada para a classe popular. Segundo Paul Freston (1994) e Mariano (2008) o crescimento do pentecostalismo não se dá exclusivamente por causa do agravamento da pobreza. Para estes autores esse fator é relevante, mas os aspectos culturais, sociais e religiosos são também importantes, assim como o político e o econômico. De acordo com Freston:

(...) A religião é ambivalente, oferece diferentes coisas a diferentes indivíduos. (o pentecostalismo é flexível e é improvável haver uma única razão para o seu crescimento. Assim é necessário levar-se em conta não apenas os fatores econômicos e políticos, mas sociais, culturais, étnicos e religiosos; não apenas o nível macro (quais são as

configurações favoráveis à conversão), mas também o nível micro (porque as pessoas com estas características se convertem) (Freston, 1994:16).

A religião pentecostal segundo Machado (1996) incentiva o ascetismo individual, favorecendo aqueles que vivem em situações de privações materiais. Os fiéis são instigados a parar de beber, de fumar, a castidade (prática do sexo depois do casamento). O pentecostalismo reforça a ética do trabalho, motivando os indivíduos a montar seu próprio negócio (Mesquita, 2003). Essas manifestações religiosas acabam agindo como se fossem uma forma de recuperação da moralidade humana. O crente passa a ter um novo estilo de vida (Mariz e Machado, 1998). A fé é legitimada pela adoção de certas práticas religiosas, que são vivenciados nas igrejas. São marcantes das igrejas pentecostais: os cultos ao ar livre, novos estilos de músicas, as maneiras que se manifestam durante os cultos, dançando, batendo palmas, repetindo várias vezes a palavra em voz alta, aleluia, glória; a importância dada à revelação direta do Espírito Santo, que consistiria em graças concedidas às pessoas para entenderem as verdades e os mistérios da fé contidos nas Escrituras; a prática de batizar somente adultos; um rigor moral que proíbe o que pode parecer fútil e mundano, como beber, fumar, assistir à televisão e, sobretudo para as mulheres, a vaidade; grande facilidade em interpretar como avisos ou revelações divinas alguns acontecimentos da vida; visão das doenças como punições divinas pelo pecado. Não que Deus envie diretamente a doença, mas permite que o diabo a cause como castigo para o crente; a busca da cura da doença especialmente pela oração, a ponto de evitarem ir ao médico ou de tomar remédios; a frequente presença de Satanás e, como cura, a prática do exorcismo.

Temos aqui, portanto, um estado de coisas que leva a pensar forças propulsoras capazes de canalizar a conduta prática de jovens a partir da ética religiosa e sua relação com o mundo (Weber, 2004). Temos aqui uma concepção que visa ter uma eficácia própria ao modo de vida dos jovens e sua singularidade no território de suas moradias Campos dos Goytacazes.

2 - Juventude (s) e religiosidade pentecostal: algumas considerações

Ao falarmos de juventude é necessário destacar que o termo implica em uma pluralidade referindo-se à(s) juventude(s). O jovem não pode ser caracterizado como uma categoria única e fixa (Bourdieu, 1983). Ou seja, é uma categoria socialmente construída, ela adquire sentidos, formas próprias a cada cultura e espaço social em que está inserida. Muda conforme o contexto cultural, social e até geográfico, contudo, é uma categoria dinâmica,

adaptando-se as mutações da sociedade.

Em cada fase, que o indivíduo se encontra, ele exercerá um papel social diferente. Conforme os critérios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a “juventude” compreende a faixa entre os 14 a 25 anos de idade. Entretanto segundo Moraes (2005), afirma que essa fase é marcada pelas constantes mudanças que está ocorrendo na vida desses jovens ao se prepararem para vida adulta, além de ser considerada uma fase crítica e vulnerável. É através das práticas estabelecidas por eles, que podemos caracterizar o indivíduo como jovem e não sua idade biológica, e a passagem da juventude para a idade adulta acontece de forma conflituosa em todas as sociedades. Para Dayrell e Reis (2007), a condição de jovem depende de como que ele é visto dentro da sociedade. Enfim é necessário levar em consideração as diferenças e desigualdades que marcam a vida social dos jovens como escolaridade, moradia, classe social, trabalho, religião e etc. Dependendo do meio social a qual esse jovem faz parte, poderá influenciá-lo positiva ou negativamente. As instituições que mais exercem influência aos jovens são: a família, escola e também a religião, por estarem em contato direto com esses espaços.

Nos tempos atuais verifica-se que os jovens estão aderindo aos movimentos religiosos, em especial às igrejas de vertentes pentecostais e carismáticas. Segundo Prandi (1998) cerca de 20% dos fiéis que participam dos grupos de oração carismáticos e pentecostais são jovens. Cada vez mais as instituições religiosas produzem

espaços para jovens, onde são construídos lugares de agregação social, identidades e formação de grupos que podem ser contabilizados na composição do cenário da sociedade civil. Fazendo parte destes grupos, motivados por valores e pertencimentos religiosos, jovens têm atuado no espaço público e têm fornecidos quadros militantes para sindicatos (Novaes, 2005: 289).

A escolha espiritual é mais uma forma de sociabilidade e sentido de vida para os jovens. Para Novaes (2005), é essencial ao se tratar do tema religião e juventude ressaltar a insegurança e as dificuldades que estes têm em relação à inserção social. A questão da crise educacional, da falta de empregos formais, de perspectivas futuras, pode levá-los a práticas consideradas pecaminosas. A igreja passa, então a ser um lugar de resgate, de esperança em relação ao projeto de vida. Desta forma os locais de culto, onde há o contato com o sagrado são também espaços onde há oportunidade para fazer amigos, conhecer pessoas, ou seja, são considerados espaços de sociabilidades. Esses locais constituem um espaço de interação a

partir da participação de grupos jovens que desenvolvem atividades religiosas e musicais, como por exemplo, encontros de jovens, enfim, jovens que participam de atividades realizadas em igrejas. Assim as igrejas acabam por motivar os jovens a estarem presentes nesses locais, e permitem que eles façam parte de redes de solidariedade, ajudando uns aos outros em situações de dificuldades. Segundo Rodrigues (2007) e Campá (1995), através das atividades realizadas nas igrejas ou fora delas os jovens realizam passeios, acampamentos, viagens, participam de teatro, apresentações de música, tudo como uma forma de lazer

2.1 - Pentecostalismo no contexto da(s) favela(s)

No percurso da pesquisa em Campos dos Goytacazes podemos verificar o dinamismo da presença de igrejas nas favelas. Isto implica pensarmos em expansão de templos já existentes, surgimento de novas denominações e fechamento de igrejas pentecostais. A partir da delimitação das favelas e o início dos trabalhos na favela Baleeira, identificamos as denominações religiosas com atividades voltadas aos jovens nesta favela. No caso, primeiramente, a Igreja Assembléia de Deus de Madureira onde acompanhamos o “Projeto Agente Jovem”. Este projeto de caráter recreativo educacional em parceria com a prefeitura de Campos dos Goytacazes desenvolvia atividade nos fundos da igreja. Posteriormente, esse projeto mudou de espaço, passando a ocorrer em uma sala de aula da Escola Municipal 29 de Maio.

Após o período na favela Baleeira, direcionamos a pesquisa à favela Matadouro. Ainda que tenhamos retornado à Baleeira com vistas à conclusão do levantamento de dados. Nestas ocasiões, já não circulávamos mais por toda a área, mas íamos diretamente à Igreja da Assembléia de Deus Ministério Madureira, pois nestas ocorriam atividades que visávamos acompanhar.

No terceiro momento da pesquisa, chegamos ao templo da Assembléia de Deus, localizado na favela Matadouro. Nesta igreja realizamos duas entrevistas. Além das entrevistas realizamos observações da participação dos jovens em atividades como culto. O quantitativo de entrevista decorreu da impossibilidade de encontros com os jovens além da programação da igreja. Ainda que tenhamos considerado em nossas análises situações apreendidas em momentos de conversas com os jovens. Nas duas favelas nos valem também de entrevistas realizadas pela equipe da pesquisa, a qual este trabalho é integrado. Assim como uma entrevista realizada com uma jovem evangélica moradora de outra favela da cidade, localizada no Parque Aurora, onde há presença de bandos de traficantes. Neste caso, a entrevista funcionou como

elemento de controle comparativo aos dados levantados nas três favelas focalizadas na pesquisa.

Na Baleeira primeiramente fomos informados através do pastor da Igreja Assembléia de Deus, que estava acontecendo um projeto com jovens, vinculado à prefeitura. As atividades eram desenvolvidas em uma área externa ao salão da igreja. Ele relatou que “o espaço foi cedido pela igreja e este projeto acontece sem fim religioso, não tem nenhuma ligação com a minha igreja”. Esse projeto acontecia de segunda a quinta das 14 horas até as 16 horas, com jovens moradores da favela. Em uma das ocasiões em que estivemos na igreja, conhecemos Camila, uma das monitoras do projeto, ela tem 23 anos e mora próximo à favela. Assim como a outra monitora nos informou que é católica e não tinha nenhuma proximidade com a igreja evangélica, estava no projeto por conta do vínculo com a prefeitura. Camila comentou que tem dificuldades em lidar com os jovens. Alguns “são até agressivos verbalmente”, e segundo ela fisicamente também. A atividade observada neste dia consistia na leitura de um texto informativo sobre a Dengue e depois saíram pela favela para distribuição de um panfleto sobre prevenção da “Dengue”. Ao retornarmos em outra ocasião uma das monitoras quis saber mais detalhes sobre a nossa presença no local. A fim de possibilitar a nossa permanência, informamos que havíamos conversado com o pastor responsável pela igreja. Ao que ela afirmou que o projeto não tinha envolvimento com a igreja que ele só era responsável pelo espaço cedido.

De acordo com as observações realizadas junto ao projeto, as atividades tentam sempre tratar de assuntos relacionados com os problemas da sociedade. Eles, os jovens, demonstravam curiosidade sobre a nossa presença, passaram a conversar mais, a perguntar sobre o que estávamos fazendo, enfim houve uma maior interação entre os jovens e nós pesquisadores.

Em 2009 o projeto *Agente Jovem* mudou de local. Passou a acontecer como acima já foi dito no Colégio Estadual 29 de Maio, segundo as monitoras devido a alguns problemas que aconteceram, pois as crianças estavam dando algum trabalho em relação a disciplina de comportamento o que fez com que o pastor pedisse que não acontecesse o projeto no espaço da igreja. Ainda em 2009, fomos informados do seu encerramento, pois a prefeitura deixaria de financiar as atividades. Segundo os entrevistados, esse projeto tinha o intuito tirar os jovens da rua: “o projeto é uma coisa muito boa, tira os jovens da rua e ensina um monte de

coisa, como que não pega AIDS, o objetivo é tirar as crianças da rua, os jovens, para não ficarem na favela” disse Paulo, 16 anos^{iv}. Ele afirmou que, depois que passou a participar do projeto “não fico mais nas zueiras da rua, no meio de quem não deve, do que não deve se envolver, com drogas, por exemplo.”

Mesmo que esse projeto não tivesse uma relação direta com religião, ou melhor, com a filiação religiosa, todos os entrevistados falaram que uma das monitoras sempre rezava antes, mas muitos jovens não gostavam, fazendo algazarra enquanto a monitora lia uma passagem da Bíblia. Um deles afirmou que tinha o objetivo de ensinar os caminhos de Deus e suas leis. Todos os entrevistados disseram fazer parte de uma igreja pentecostal, e a maioria era da Assembléia de Deus. Mediante ao encerramento do projeto “Agente Jovem”, direcionamos as primeiras idas à Igreja Caminho das Águas, na favela Tira Gosto.

Fizemos contato com o pastor Getúlio, 54 anos, responsável pela igreja há cerca de 18 anos. Ele fez menções à favela Tira Gosto como *comunidade da adoração*. Quando questionado sobre esta identificação, ele destacou que a adoção desta referência decorria do fato do lugar ser frequentemente associado à presença de criminosos e ter na origem do nome a ideia da malandragem – portanto, associada ao mal e ao demônio. De acordo com o pastor Getúlio,

foi eu que mencionei, eu tava ministrando a palavra (...) Ai nessa mensagem eu falei a partir de hoje em nome de Jesus nós vamos mudar esse nome de favela de Tira Gosto (...) falei nesses termos mesmo de que quando você fala favela você fala num termo de pessoas ruins de bandidos ai você fala que mora na favela da impressão que todo mundo ali é bandido e quando você fala comunidade ai você ta colocando pessoas de uma altura moral, caráter, de personalidade, pessoa de família então você tem que falar comunidade (...) devido nós, tínhamos ali pessoas que usavam drogas que fumavam que cheiravam e adoravam as drogas e você tira de adorar as drogas e coloca pra adorar o senhor entendeu por isso a comunidade da adoração, adoração do senhor que ta mudando as vidas deles, denominamos essa comunidade de adoração.

De acordo com seu relato, o uso do novo termo possibilita para fora da favela à atenuação do estigma internamente a luta espiritual diante das *forças demoníacas* presentes no território. Da mesma forma, o pastor ressaltou a questão da autoridade que uma liderança espiritual deve ter, sobretudo na favela, se referindo indiretamente à proximidade territorial da igreja e dos grupos de traficantes locais. Para o pastor cabe ao fiel agir como *o Senhor diz que tem que ser*, não desrespeitar a esposa, os filhos, se vestir de maneira decente, não só agir

dentro da igreja de uma forma correta e honesta, e sim também fora dela, nas outras esferas da vida, como no trabalho, com os amigos, e em outros espaços da cidade.

Em outra ocasião podemos identificar um relato que enfatiza a conduta do fiel e sua posição em relação ao modo de vida da favela. Uma mulher ao dar um testemunho^v, durante um culto na igreja, falou de uma situação complicada vivida durante a semana com sua irmã que foi detida por policiais. Ela relatou que, ao chegar à delegacia calma e tranquila, deparou-se com um policial que lhe saudou com *a paz do senhor, irmã* e ela respondeu *amém*. Segundo a fiel o policial disse que a conhecia e que conhecia o pastor Getúlio. Indicando assim ser evangélico. Ela comentou então que não adiantaria chegar à delegacia transtornada se tinha aceitado Jesus, e que para isso deve-se viver em paz e em harmonia, deixando esse estado transparecer. No seu entendimento a situação estava associada aos desígnios de Deus: “eu sei que minha irmã está lá porque Deus quis assim”. Disto decorre, que a experiência religiosa atribui os significados do agir em contexto que segundo a fiel era bastante desfavorável à sua condição, ou seja, moradora de favela e irmã de uma detenta. Desta forma, temos uma situação em que a identificação *positiva* de ser parte de uma comunidade evangélica se sobrepõe a *negativa* de ser *favelada*. Atenuando assim possíveis estigmas a ela associados.

Assim como no caso da favela Tira-Gosto encontramos nos relatos dos jovens da favela Baleeira o uso do termo comunidade quando se referiam à favela. Daniele, 17 anos, diz que “eles falam comunidade mais é favela, eles têm vergonha de falar que moram na favela, falar favela Baleeira assusta as pessoas, comunidade é até aceitável”. Desta forma, a entrevistada afirmou que as pessoas usam o termo porque é mais bem aceito na sociedade. No entanto, o lugar é favela, e não comunidade. Frequentemente usado, inclusive por agentes do Estado, o termo acaba gerando uma alta identificação feita aos moradores de favela, um contraponto aos não moradores, o que acaba segregando os “favelados” (Birman, 2008). A expressão acaba por argumentar a favor dos jovens moradores da favela, garantindo-lhes “boas qualidades morais que estes teriam, passíveis de serem comprovadas pelos seus modos de vida e pela cultura que possuem.” (Birman, 2008: 103). Contudo, é necessário ressaltar que este termo não deixa de ter um caráter segregador, pois pode ser usado tanto positivamente quanto negativamente: pode se referir a um lugar de tradição, mas, também, a um lugar de violência. O que era para ser um termo positivo – “comunidade” contrapondo “favela” – acaba reiterando as diferenças entre os bairros da cidade das ditas favelas,

comunidades e periferias, apesar do intuito dos que a empregam (Birman, 2008).

O jovem favelado frequentemente necessita afirmar sua condição de não traficante, de não marginal. Para realizar tal *limpeza simbólica*, este afirma ser universitário, quando o é; ser trabalhador ou ser evangélico, como se essas condições permitissem colocá-los em uma posição diferente dos demais moradores vinculados à criminalidade. Zaluar & Alvito (2006) ressaltam que, às vezes, tais afirmações são ditas de forma a assegurar a índole do morador de favela como, por exemplo: *Esse rapaz é morador da favela, mas é trabalhador*. Segundo os autores, “(...) a condição de trabalhador torna-se então um símbolo de prestígio (...) capaz de diferenciá-lo e de produzir uma ambigüidade em relação a sua identidade estigmatizada” (Zaluar e Alvito, 2006: 312). Pelo exposto, podemos considerar que ser jovem evangélico igualmente pode atenuar o estigma de morador de favela.

De acordo com relatos dos jovens a conversão religiosa implica mudanças nos padrões de sociabilidade. Quase todos se converteram recentemente e consideram que, o agir no dia a dia, suas amizades, seus modos de se relacionar, etc. foram diferenciados depois da conversão. “Para os jovens convertidos há uma compreensão de que existem limites que demarcam nitidamente as fronteiras entre o “sagrado” e o “mundano”. (Andrade, 2005: 67).

Segundo Pedro, 16 anos, uns dos entrevistados e morador da Baleeira, afirmou que a conduta dos evangélicos, o modo de se vestir, por exemplo, possibilitava a sua identificação em outros lugares da cidade como evangélico. Ele também relatou que a maneira de falar, de andar e outras características físicas diferenciam quem mora em cada uma dessas favelas; e que ele sabe se tal jovem é da Matadouro, afirmando que, por ser evangélico, e nunca ter participado de nada errado dentro da Baleeira, já esteve presente na Matadouro várias vezes, pois tem amigos lá com os quais joga bola. Embora isso aconteça com ele e alguns moradores de favela não consistem em algo corriqueiro. Os jovens, juntamente com os demais moradores, receiam tal prática, principalmente os não evangélicos. Afirmam que, na favela, é muito difícil não ter parentes e amigos próximos envolvido com o tráfico, e que essa relação de proximidade pode acarretar em risco.

No entanto, não há como deixar de considerar que, por mais que os pentecostais pareçam estar isentos de uma relação com o tráfico, há uma proximidade física, geográfica, de sociabilidade, de parentesco. Os próprios jovens entrevistados relatam que têm primos, tios e/ou amigos no colégio que estão envolvidos no tráfico. Com a preocupação em levar-lhes a pala-

vra de Deus a estes, acaba por estabelecer o contato. Os evangélicos têm uma distinção bem clara e até radical sobre o que é *do mundo* e profano do que é sagrado e de Deus (Mariz, 1997). Segundo os entrevistados – mais precisamente os líderes religiosos – a preocupação dos pentecostais é de levar a palavra de Deus a esses segmentos do tráfico, para que possam ser salvos. Pastor Getúlio ressalta que:

Eu conheço eles, todos ele porque na verdade, eu já vejo acompanho mesmo o processo de como eles fazem isso, com certeza, eu não vou agir como policial ali não é caso, ali eu tenho que enxergar sem vê ouvir não escuta, falar e ser mudo né, eu não posso em hipótese alguma demonstrar o que eles tenham qualquer suspeita sobre mim né entendeu eles não podem ter a mínima suspeita eles tem que confiar em mim e eles confiam ainda que eu esteja vendo que está errado eu falo pra eles está errado (...) eles sabem que eu sei que eu vejo de tudo mais não vou falar pra ninguém, (...) é eu chego lá amanhã ai eles estão lá com as drogas deles ai eu evangelizo eles falo de Jesus pra ele falo que eles vão morrer (...) vou lá na fonte mesmo, vou lá onde eles estão e são muitos eu vou lá evangelizo eles falo que eles estão errados mais não me meto entendeu, tipo assim apesar de eu falar que eles estão errados eles sabem que eu sei que é problemas deles (...) pela própria bíblia eu abro a bíblia e mostro pra eles, (provérbio 16, versículo 12) diz “ a caminhos do homem que parecem direito mais no final deles são caminhos de morte” eu mostro pra eles e todo traficante sabe que a próxima vítima vai ser ele então aparentemente é o caminho é direita eles tão ganhando dinheiro né mais que é caminho de morte não posso negar isso deles, agora quanto a ele obedecer já é tipo problemas deles né já não sou eu que tenho que corrigir eu tenho que ensinar eu tenho que mostrar corrigir não é comigo (...).

Cabe aqui ressaltar que o objetivo dos evangélicos não é desarticular o tráfico, a fim de se fazer justiça dentro da lei, mas tentar ganhar almas para Jesus e convertê-los, o que consequentemente faz com que abandonem o tráfico. Há uma batalha espiritual, onde os crentes tentam conseguir mais almas pra Deus, livrando-os assim do mal. Esses crentes usam do proselitismo e da oração para conseguir a conversão desses tidos como pecadores. Os pentecostais, desse modo, não ignoram a presença do tráfico de drogas e elaboram respostas para a mesma. Há toda uma dinâmica desenvolvida pelos evangélicos em relação à violência.

Durante os cultos, o pastor, juntamente com os fiéis que pregam no altar, têm o cuidado de sempre que possível falar sobre a violência tão presente na favela. Além disso, os pentecostais vão às bocas de fumo pregar para os traficantes. Segundo o pastor Getúlio, na favela Tira-

Gosto, o contexto de violência mudou muito. Durante muito tempo, ele e os fiéis da Igreja Caminho das Águas fizeram e ainda fazem trabalhos de evangelização dentro da favela, principalmente nas áreas consideradas *de risco*. Convidam todos à salvação e à obediência à Palavra do Senhor. Da mesma forma afirmam circular livremente na cidade, diferente de outros moradores não evangélicos. Contudo, esses evangélicos são constantemente cobrados a terem a conduta de um cristão, já que são tidos como exemplos a serem seguidos. Um dos líderes religiosos entrevistados, Mário^{vi}, alegou que já esteve no mundo do tráfico e, sem entrar em detalhes do seu processo de conversão, nos afirmou que sua conduta é vista como um exemplo e que ele é muito respeitado e ouvido. Sempre que os traficantes precisam ouvir a palavra de Deus, procuram os evangélicos e até mesmo a igreja para tal.

O pastor Getúlio relatou que, durante algumas evangelizações, os jovens traficantes choram, escondem as armas – segundo alguns dos entrevistados, os jovens traficantes geralmente escondem as armas, param de fumar se o estiverem fazendo, e não falam *palavrões*, quando os crentes passam por perto deles – e ouvem atentamente os crentes. Nessa atmosfera de respeito que os crentes impõem aos traficantes, estes os vêem como conselheiros. Como nos mostram Birman e Leite (2008: 279), “segundo os moradores das áreas ocupadas militarmente pelo tráfico, os pentecostais são os únicos que afrontam os traficantes diretamente, que os interpelam sem medo, onde quer que estes se encontrem”. Segundo a fiel Sandra, *se eles tiverem com uma arma na mão, eles se escondem ou se eles tiverem falando uma palavra feia, palavrão, eles para quando a gente passa, então eles nos respeitam assim nesse sentido*. Segundo estes jovens essas regras e códigos instituídos pela religião é que dão sentido as suas vidas. Para eles, o pecado está a toda a sua volta, e só depende de cada pessoa ser salva ou não. Todos os entrevistados afirmaram que viviam no mundo do pecado antes da conversão. Entretanto, não há entre os jovens entrevistados relatos de participação no tráfico antes da conversão, apenas entre alguns líderes religiosos. Os pecados a eles atribuídos podem ser caracterizados: por não serem cristãos; por freqüentarem lugares considerados pecaminosos; por consumo de álcool; e mais especificamente em relação às mulheres, por usarem roupas consideradas também erradas, que mostram muito o corpo, etc. Segundo os jovens, para poderem “sair dessa vida” foi necessária a participação religiosa, a conversão, onde passaram a “glorificar a Jesus” e obedecer aos seus ensinamentos. O comportamento juvenil evangélico, muda totalmente mediante sua nova realidade.

O novo estilo de vida desses jovens depois de convertidos passa a ter um forte compromisso com a ética religiosa. Eles rompem com as práticas consideradas erradas e passam a ter responsabilidades perante à igreja e à sua vida de cristãos. Sua conduta deve ser exemplar, pois são vistos como exemplos de vida a seguir.

Ao participar dos grupos de jovens, estes ficam mais engajados dentro das igrejas e passam a ter uma maior relação de socialização com os outros jovens também participantes desses grupos. Os grupos tentam conscientizá-los de várias maneiras, com o intuito de melhorar suas vidas, já que muitos jovens chegam às igrejas desestimulados, descrentes e sem perspectivas futuras. Principalmente se tratando de jovens moradores de bairros mais pobres, como as favelas, a pobreza acaba se tornando a maior barreira a expectativas de uma vida melhor.

O grupo de jovens e a igreja tomam para si um papel fundamental de *conscientização desta situação* e, ao mesmo tempo, investem, mesmo que precariamente, na sua *melhoria de vida*. É um verdadeiro depósito de esperança, (Teixeira, 2006). Dentro desses grupos, os jovens encontram um ambiente acolhedor e solidário, e as relações entre eles se estendem para fora da igreja, permitindo que haja novos espaços de sociabilidade. A importância de um grupo religioso para Andrade (2005) é que:

No grupo religioso estes jovens encontram um espaço integrador, caracterizado por uma rede de relações de sociabilidade e solidariedade, fornecendo-lhes não apenas segurança para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo, mas também papéis, modos de condutas claramente definidos que contribuem para a socialização ao construírem um modelo de identificação (2005: 146).

Dessa forma, torna-se comum que eles interajam fora da igreja com os mesmos jovens do grupo, mesmo que a finalidade não seja religiosa, o que contribui para a construção de capitais sociais e culturais. Muitas das vezes, os líderes dos grupos são jovens e possuem as mesmas experiências que eles, acabando também estando presentes nos espaços de interação fora da igreja e fazendo parte dos grupos de amizades.

A evangelização é fundamental para a expansão das igrejas, segundo a maioria dos entrevistados, um deles ressaltou que “diferentemente de outras igrejas, principalmente a católica, nós fazemos trabalhos de evangelizar pela cidade, nas casas, levando a eles a palavra de

Deus, isso é muito importante, assim agente consegue atrair mais fiéis” (Davi, 18 anos). Perante isto, verificamos que os jovens cumprem importante papel dentro dos templos, pois contribuem para a expansão da igreja ao tentar converter outros jovens considerados *mundanos e pecadores*. E estes ao se converterem, por sua vez, agem de forma proselitista junto a outros jovens. Estes jovens têm a função perante a igreja de tentar, através de diversas estratégias, manterem os jovens ocupados, assim estes ficam mais distantes das coisas mundanas que exercem forte atração nesta fase da vida. A igreja cria, então, diversas formas de atrair mais desses jovens para a igreja e para uma vida regrada na fé e na moral cristã.

Para os jovens entrevistados a questão da crença nem sempre está vinculada a uma filiação denominacional. Nas situações das entrevistas alguns jovens declararam o pertencimento a uma ou outra denominação, entretanto, alguns não pertencem exclusivamente a uma igreja, afirmando frequentarem várias igrejas evangélicas simultaneamente. Ainda que isto implique algumas vezes em afrouxamentos, afastamentos e dissidências da filiação denominacional anterior.

2.2- Os jovens pentecostais e as expressões musicais

A música tem um lugar e sentido elevado nas interações religiosas dos jovens abordados nos contextos das igrejas pesquisadas. Algumas igrejas pentecostais ao flexibilizarem usos e costumes, em adequação a algumas mudanças no campo religioso e na sociedade, não deixaram de considerar a música. De modo geral a música nas igrejas pentecostais estão associadas ao movimento *gospel* originado no final da década de 1980, com raízes no *Movimento de Jesus* (EUA). Segundo Cunha, a música é o principal veículo de louvor e adoração, uma forma de se comunicar com Deus constituindo diversos gêneros e estilos musicais como o rock e o samba. De acordo com Cunha (2007), os eventos *gospel* passam a ser vistos como um programa de lazer, principalmente para a juventude, e também uma forma de evangelização. Esses eventos são chamados *louvorções*: os fiéis vão à igreja para cantar e louvar junto com os grupos de louvor.

Nas igrejas identificamos que no decorrer dos cultos havia muitas pessoas que são chamadas pelos pastores para irem à frente do *altar* para fazerem alguma pregação. De modo geral, aos jovens cabiam os louvores que seguiam as pregações. As músicas tocadas durante os cultos falavam de algum tipo de libertação do mal, atribuídas à *satanás*, e outras falavam dos vícios e dos pecados (diários) aos olhos de Deus. Durante as pregações, as lideranças

(pastores, obreiros, evangelistas, diáconos), e até mesmo os fiéis tentavam sempre fazer com que as pessoas interagissem umas com as outras. Durante as pregações, pediam que os fiéis repetissem frases do tipo *Deus já te escolheu, Deus te ama*. Algo também específico que encontramos em outras igrejas é o fato de sempre utilizarem o termo irmão e irmã ao se referirem uns aos outros, reforçando a idéia de uma suposta solidariedade na “comunidade” religiosa.

Em um dos cultos, na favela Matadouro, ministrado por um pastor visitante, podemos observar algo singular na expressão musical do culto. O pastor frisava a todo o momento *glória do senhor*, e das bondades de uma Divindade. Nesse dia, muitas pessoas foram convidadas a irem ao altar, dar um depoimento, cantar e rezar. Houve uma pessoa em especial, uma menina que deveria ter em média seis anos. Ela era cantora e foi até a frente da igreja para cantar, seus pais estavam presentes na igreja e foi comentado que ela estava gravando um CD. Ela cantou duas músicas e uma delas se remetia ao caminho que Jesus passara na terra e questionava sobre a coragem de fazer o que Ele fez, como carregar uma cruz; e o que seria da vida dos fiéis se Jesus não tivesse feito isso. Um trecho da canção diz assim: “Ai de mim, se eu tivesse que levar as chicotadas, se eu tivesse que cumprir suas pisadas, se eu tivesse que morrer naquela cruz, eu não suportaria”. Os membros acompanhavam as expressões emocionadas do pastor dizendo em voz alta: *cura senhor, glórias, obrigado senhor*; falam línguas estranhas e balançam do corpo de forma também específica durante os louvores e também nas pregações.

A análise dos dados levantados nas entrevistas e observações diretas nas igrejas possibilita indicar, em consonância com outros estudos (Cunha, 2007; Leitão, 2007) uma expressão *gospel* que permite aos jovens novas formas de cultuar, cantar e pregar com maior ênfase na música, na dança e na exaltação emocional, destacando uma forma diferenciada de corporalidade e de maleabilidade comportamental. Nas igrejas, revela-se a produção de canções mais elaboradas que os corinhos, não apenas para cânticos congregacionais, mas também para outros espaços religiosos paraeclesiais. A missão, de levar a *Palavra de Deus* através da música ocorre especialmente entre os jovens que compõem e apresentam as canções nos momentos de culto (Cunha, 2007).

Geralmente os jovens são designados dentro da igreja para cuidar do andamento musical dos dias de culto, de louvor e de reuniões. A música é um item essencial para o

Espírito Santo se manifestar e assim o *contato com Deus* aconteça. Além de trazer muita alegria e animação ao ambiente e seduzindo mais jovens às práticas religiosas e vida cristã.

A música torna o culto mais agradável, e parece que fico mais próxima de Deus. Eu sempre sinto que o Espírito Santo age em mim, é uma sensação inexplicável, muitas vezes me vejo chorando, mesmo quando estou feliz, é como se Deus me tocasse literalmente, (Paloma, 25 anos).

Uma das jovens entrevistadas, frequentadora de várias denominações, ao relatar o seu processo de conversão ocorrida na Igreja Batista Renovada, destacou a importância da música. Segundo a entrevistada, na ocasião, quando entrou na igreja com o sentimento de que “estava perdida”, conheceu o seu noivo e, naquele momento, tocava uma música durante um culto de louvor. Ela ressaltou que existem músicas que dizem muito sobre momentos de nossas vidas e que, por essa razão, não serão esquecidas, pois, ao ouvirmos, poderemos ser levados a reviver algo que foi tão especial. Para Paloma, 25 anos: “A música tem a capacidade de elevar nossos corações, transformando-o e levando as almas ao Criador.”

Segundo a jovem, as letras de músicas evangélicas se diferenciam das demais músicas, pois as últimas estão cada vez mais *pecadoras e mundanas*. Por isso que as músicas evangélicas se destacam, por permitirem uma experiência com Deus e a manutenção de um diálogo com ele. As letras revelam o que eles querem dizer a Deus, o que realmente eles sentem dentro de seus corações. Junto a isso, Paloma resalta uma parte da Bíblia, que diz: “Exultai no Senhor, ó justos, pois aos retos convém o louvor. Celebrai o Senhor com a cítara, entoai-lhe hinos na harpa de dez cordas. Cantai-lhe um cântico novo, acompanhado de instrumentos de música (Sl. 32, 1-20)”.

No relato desta jovem também se destaca que a música é um forte instrumento de evangelização. Desta forma, a música *gospel* exerce atração em relação aos jovens. Neste aspecto, constatamos a presença do ritmo rock que, segundo Cunha (2007), é um ritmo mais consagrado nos repertórios tradicionais; contudo não identificamos outros gêneros musicais, como, por exemplo, os ritmos: samba, *funk* e forró, que são gêneros mais populares que se fazem presentes na atualidade no âmbito religioso evangélico.

De acordo com os nossos dados da pesquisa as expressões musicais evangélicas atuais acabam permitindo que a música esteja presente nos momentos de lazer dos jovens que obedece a códigos pré estabelecidos, religiosos. Se divertir se torna permitido, mas somente

perto de Deus, e para Deus. O lazer é consagrado (Cunha, 2007).

Na igreja da Assembléia de Deus Ministério Madureira, localizada, na Matadouro, no período de 25, 26 e 27 de setembro de 2009 foi comemorada a “Festa da Mocidade”. Encontro do grupo de louvor dos jovens da igreja, que estava completando seu 8º aniversário. O grupo era composto por aproximadamente 15 a 20 jovens, com idade de 15 a 22 anos.

Nesses dias de festa, houve também a participação de jovens de outras igrejas, como a Presbiteriana, Batista e outras denominações consideradas evangélicas. Ao chegarmos à igreja, notamos que esses três dias de festas eram bem especiais. Os jovens se encontravam todos muito *bem arrumados*, com roupas que indicavam o cuidado de vestir e se apresentar em um dia especial. A igreja também estava decorada com flores e frases religiosas. Primeiramente o pastor fez a apresentações de todos os visitantes. Depois se deu início para as apresentações dos grupos de louvores das outras igrejas. Todos os grupos apresentaram-se na frente do altar. Os cantos eram marcados por expressões de que *cura, Senhor do impossível, graças e Louvores, como Deus é bom* e acompanhados de instrumentos como guitarra e bateria que imprimiam um ritmo musical vagaroso. Ouve também grupos que além de cantar trouxeram apresentações de danças que colocavam os corpos em movimento vagaroso como manifestação religiosa .

Enquanto valor social e religioso estas performances possuem um caráter relacional e estão associadas ao compromisso de ser *cristão* em um contexto de acontecimentos provocados por encontros e sentidos de pertencimento juvenil. A configuração destas percepções envolve dois aspectos: o primeiro é a moral religiosa, pois a dança e a música são um meio de vivenciar o poder divino e as transformações do modo de vida. O segundo é a *missão de ganhar almas* o que implica transcender as fronteiras das denominações religiosas e dos territórios de moradias.

Considerações finais

Procuramos compreender através das experiências religiosas dos jovens moradores de favelas e sua adesão a seguimentos religiosos, para assim fazer uma análise, de como que se dá às práticas e vivências cotidianas deles. Ao considerarmos que a religião pode estabelecer *ethos* e visão de mundo dos jovens (GEERTZ, 1989) entendemos a sua influência ética, e moral. Neste sentido, ao caracterizar os processos formativos de interações entre os jovens

pentecostais e suas vivências nas favelas identificamos como estas são marcadas pela participação em cultos, atividades musicais e grupos de jovens. A valorização destes grupos implica para dinâmicas de produção e entendimento da mensagem religiosa por parte dos jovens.

A este respeito, poder-se-ia indicar que as possibilidades de participação religiosa pode estabelecer uma distinção moral frente à condição de morador de favela. Afastando-se assim, do estigma de *marginal*, *traficante* ou conivente com a criminalidade violenta. Ao realizarem uma limpeza simbólica alcançam então um símbolo de prestígio (...) capaz de diferenciá-lo e de produzir uma ambigüidade em relação a sua identidade estigmatizada” (Zaluar e Alvito, 2006: 312).

Há de considerar então que, a adesão religiosa de jovens ao pentecostalismo pode implicar mudanças nos seus modos de vida cotidiano, estabelecendo limites e deslocamentos que visam demarcar as fronteiras entre o *sagrado* e o *mundano*, mas que não deixa de considerar uma linguagem condizente com o estilo juvenil, baseado no sentido religioso contemporâneo.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, A.. *Surfistas de Cristo: um estudo da sociabilidade juvenil*. São Paulo. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da USP, 2005.
- BERGER, P. A Dessecularização do Mundo: uma visão global. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, v.21, n.1, 2001.
- BIRMAN, P. Favela é comunidade? In. MACHADO, L. A. (Org.). *Vida sob Cerco*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- BOURDIEU, P.. A “juventude” é apenas uma palavra. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983.
- CAMPÁ, W. A. B. M. *Participação dos Jovens nas Igrejas Pentecostais*. Monografia de Conclusão de Curso. Rio de Janeiro: UFF, 1995.
- CUNHA, N. *A Explosão Gospel: Um olhar das Ciências Humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: MauadX: Instituto Mysterium, 2007.
- CRUZ, J. Análise do Perfil Ocupacional da População de Baixa Renda de Campos-RJ. In: PIQUET, R. (Org.) *Acumulação e pobreza em Campos: uma região em debate*. Séries monográficas, N° 3; PUBLIPUR/UFRJ; 1986.

- DAYRELL, J. & REIS, J. *Juventude e Escola: reflexões sobre o ensino da sociologia no ensino médio*. Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. Recife 2007.
- FRESTON, P. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro. In: *Nem Anjos nem Demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GEERTZ, C. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HERVIEU-LÉRGER, D. *O peregrino e o Convertido. Religião em Movimento*. Petrópolis: Vozes; 2008.
- LEITÃO, M. P. Religião e política no espaço público: movimentos de moradores de favelas contra a violência e por justiça. In: Ronaldo de. 2007.
- MACHADO, M. D. C. *Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa e seus efeitos na esfera familiar*. Campinas: Editora Autores Associados/ANPOCS, 1996.
- MAGNANI, J. *A Rua Quinze, da Praça a Praça: Um Exercício Antropológico*. [online] Disponível na Internet via <http://www.n-a-u.org/magnaniruaquinze.html> Arquivo capturado em 28 de maio de 2008a.
- _____. *O (velho e bom) caderno de campo*. [online] Disponível na Internet via <http://www.n-a-u.org/Magnanicadernodecampo.html> Arquivo capturado em 28 de maio de 2008b.
- MARIANO, R. *Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos*. Revista de Estudos da Religião. 2008. http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf. Arquivo capturado em 28 de maio de 2010.
- MARIZ, C. O Demônio e os Pentecostais no Brasil; In: BIRMAN, Patrícia et. al. (Orgs.). *O mal à brasileira*. EdUERj, 1997.
- MARIZ, y Maria das Dores Campos Machado. Changements récents dans le champ religieux brésilien. *Social Compass*, Vol.45 (3), pp. 359-378, 1998.
- MESQUITA, W. A. B. *Em Busca da Prosperidade: Trabalho e Empreendedorismo entre Neopentecostais*. Tese de doutorado em Sociologia. IUPERJ, 2003.
- MONTERO, P. *Magia, Racionalidade e Sujeitos Políticos*. RBCS, nº. 26, ano 9, outubro/1994.
- MORAES, P. *Juventude, Medo e Violência*. Ciclo de Conferências Direito e Psicanálise: novos e invisíveis laços sociais. 2005.
- NOVAES, R. Juventude, Percepções e Comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, Helena. *Retratos da Juventude. Análise de uma pesquisa nacional*. Instituto Cidadania – Fundação Perseu Abramo. São Paulo, pág. 289, 2005.
- PRANDI, R. *Um Sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo: EDUSP, 1998.

- RODRIGUES, S. *Como a Juventude Brasileira se Relaciona com a Religião?* (artigo publicado no site do Observatório Jovem da Universidade Federal Fluminense em 12 de junho de 2007 - <http://www.uff.br/obsjovem/mambo/>).
- SOUSA, H. *Cyclo Aureo: história do primeiro centenário de Campos*. Campos Dos Goytacazes: Damadá, 1985.
- TEIXEIRA, C. *Reflexos sobre religiosidade popular*. Monografia de conclusão de curso de Ciências Sociais, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, UFRJ, 2006.
- WEBER, M. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ZALUAR, A. & ALVITO, M. (Orgs.). *Um Século de Favela*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006

ⁱFonte: Observatório Socioeconômico da Região Norte Fluminense. Boletim Técnico nº 5/2001: Favelas/comunidades de baixa renda no município de Campos dos Goytacazes, agosto de 2001.

ⁱⁱ Proveniente dos EUA, foi chamado Missão de Fé Apostólica na rua Azuza Street, Los Angeles. E ocorreu praticamente dentro da Igreja Metodista ao afastarem dos ensinamentos dessa Igreja. Destacasse que além dos entusiasmos e da exaltação, esse movimento tem os mesmos desejos que a origem do protestantismo nos EUA, como o desejo de liberdade, da não dependência de institucionalização.

ⁱⁱⁱ

No Brasil a grandeza do pentecostalismo é tão marcante que não passa despercebida aos olhos de nenhum observador. Essa vertente agrupa boa parte dos protestantes. O censo de 2000 trás que dos 26,2 milhões de evangélicos brasileiros (67%) um total de 17,7 milhões são pentecostais.

^{iv} Os nomes de todos os entrevistados são fictícios, exceto do pastor Getúlio.

^v De acordo com as observações de campo, os "testemunhos" consistem em relatos de bênçãos recebidas pelos membros das igrejas ou por pessoas de seu conhecimento. Frequentemente apontam os infortúnios vivenciados pelos conversos antes da adesão religiosa e as graças obtidas posteriormente, atestando a eficácia das instituições religiosas.

^{vi} Esse entrevistado não nos informou a idade.